

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O ENSINO REMOTO DE EMERGÊNCIA.

Esdras do Nascimento Ribeiro ¹
Erdenia Alves Santos ²

INTRODUÇÃO

O surgimento do novo coronavírus nos têm feito viver tempos difíceis. A covid-19 nos atingiu de maneira avassaladora e as medidas tomadas para evitar a propagação do vírus se mostraram tímidas e insuficientes para garantir o mínimo possível de perdas de vidas inocentes. Desse modo, a crise promovida pela doença se estabeleceu e, especialmente no Brasil, seu alcance se expandiu inflado, sobretudo, pelo discurso negacionista do presidente e pelo que Mbembe (2016) denomina de necropolítica.

Assim sendo, com a chegada da covid-19, a ideia de que algumas vidas são menos importantes que outras, desmascara a brutal desigualdade social, econômica, cultural e política que assola a sociedade brasileira. Nesse processo, a educação tem sido atingida em cheio pela necessidade urgente do distanciamento social, fundamentado pelos decretos governamentais, como medida de controle sanitário e, assim, as atividades educacionais passaram a assumir o formato remoto.

No entanto, ao invés de garantir uma educação baseada no princípio da equidade como rege os princípios legais, o contexto pandêmico expôs as desigualdades e as diferentes condições de acesso entre os alunos da rede pública e da rede privada de educação, quanto a oferta do ensino remoto e/ou híbrido. Pois aqueles que apresentam menores recursos financeiros, econômicos e humanos acabam sofrendo consequências mais severas, ou seja, diante de um acesso restrito ou nulo à internet, poucos alunos conseguem atender as propostas elaboradas pelos governos para suprir a ausência do ensino presencial.

¹Mestre pelo Curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, esdras.ribeiro2013@gmail.com;

²Mestre pelo Curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, erdenialves@gmail.com;

Diante de situações extremas como esta a imobilidade de alguns sujeitos torna-se uma realidade quase que instantânea. A falta de preparo frente a esse contexto pode ocasionar o surgimento de sensações de inutilidade e fracasso total. Entretanto, se pensarmos nas ideias de Paulo Freire (1987) sobre o conceito de inédito viável podemos obter uma visão sob uma nova perspectiva. Sendo assim, esse trabalho discute os desafios enfrentados por aqueles que fazem a educação diante dessa nova realidade e nos convida a nos colocarmos um pouco à frente do atual cenário para pensarmos com criatividade possíveis respostas para essa realidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

A aprendizagem é sem dúvida um ato social e quando pensamos em uma educação formal não é difícil imaginarmos um espaço físico onde ela possa se desenrolar, ou seja, a escola. Este lugar constituído por alunos, professores e gestores formam uma espécie de comunidade responsável por propiciar momentos de efetivo ensino-aprendizagem, bem como apresentar conhecimentos científicos e fazê-los ter sentidos no cotidiano dos educandos. Portanto, vale ressaltar que a aprendizagem ocorre pela interação com outros sujeitos em seu ambiente e em cooperação com seus pares. Dito isto, concordamos com Vygotsky (1998) quando ele chama atenção para a importância da cultura, da linguagem e das relações sociais, a qual fornece as bases para uma formação integral do homem.

A pandemia ocasionada pelo novo coronavírus e a necessidade do isolamento social como principal medida recomendada pelos órgãos de saúde mundiais para barrar o avanço da doença, levaram as instituições escolares a um enorme desafio: deixar de ofertar temporariamente o ensino presencial, manter o calendário escolar e adaptar as atividades escolares de forma que possam ser realizadas de casa pelo aluno e com o devido acompanhamento à distância pela escola. Essas medidas, tomadas de caráter emergencial diante da atual situação, nos remete ao debate acerca da qualidade da educação à distância (EaD) no tocante a educação básica.

Logo, podemos perceber facilmente que a adoção da EaD sem planejamento prévio adequado tem encontrado pelo menos duas problemáticas importantes. De um lado, muitas escolas se encontraram despreparadas para a implementação dessa modalidade de ensino. Pois sem formação adequada, professores e coordenadores

pedagógicos têm buscado produzir, de maneira exaustiva, materiais instrucionais de qualidade (aulas online, videoaulas gravadas, tarefas e avaliações) que supram as competências e habilidades mínimas que se espera do ensino.

Os alunos, por outro lado, não foram preparados para atuarem sob essa modalidade de ensino, em especial aqueles atendidos pela escola pública. A grande maioria desses indivíduos não possuem as habilidades de estudo autônomo necessárias para continuar seu processo de aprendizagem a distância, em casa e sem o contato direto de um professor.

Por exemplo, alunos mais novos tendem a apresentar um menor engajamento em atividades online, isto é, diante de um computador. Isso se dá devido a uma maior exigência de concentração demandada pela aula em formato remoto. Mesmo que o conteúdo estudado seja apresentado de maneira eficientemente atrativa e que o professor consiga manter o estudante engajado, ainda assim, o tempo de engajamento do aluno tende a ser muito baixo, necessitando, por vezes, do auxílio da família para que o estudante se mantenha focado nas atividades.

De outro modo, alunos que possuem o hábito de realizar suas tarefas escolares em casa podem ter uma pequena vantagem durante o ensino remoto em detrimento daqueles que não desenvolveram essa prática. Contudo, vale ressaltar, que estudar em casa requer uma preparação adequada do ambiente de estudo, uma identificação das atividades a serem realizadas e de providenciar os materiais que serão utilizados. Ou seja, envolve uma série de habilidades de planejamento que na maioria das vezes ainda não se consolidaram nos estudantes. E, além disso, ainda podemos citar os casos em que os alunos não possuem acesso às tecnologias necessárias para a EaD, como por exemplo, o uso de computadores, tablets, smartphones e acesso à internet.

A crise suscitada pela pandemia exige de todo nós um esforço conjunto para superá-la, portanto, diante das demandas impostas por essa realidade é necessário potencializarmos os sujeitos. Por exemplo, no campo da educação, diversas instituições escolares têm mobilizado recursos que vão desde a viabilização de plataformas educacionais capazes de promover processos de ensino-aprendizagem, passando pela valorização do conhecimento e da experiência de todos os agentes que constituem a comunidade escolar, até a potencialização dos próprios aplicativos e da troca de experiências visando um ambiente de aprendizagem mais colaborativo e cooperativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo pós-pandemia ainda se mostra incerto. Contudo, sabemos que é necessário construirmos mecanismos capazes de transformar a realidade atual e, isso, só será possível a partir da escolha intencional de cada um para uma atuação mais comprometida com o bem comum e com a liberdade de agir. Nesse intuito, vale destacar a ideia de desencapsulação defendida por Liberali (2019) que consiste no processo de superação de saberes escolarizados, isolados da realidade, compartimentalizados em disciplinas escolas e desconectados da vida dos alunos.

O educando aprende de forma ativa, independentemente do contexto em que se encontra, virtual ou presencial, desde de que o conhecimento para ele seja significativo e relevante. Além disso, a aprendizagem se dar mediante o enfrentamento de desafios complexos que ampliem nossas competências, nossa percepção e nosso conhecimento para escolhas mais libertadoras ou como nos diz Paulo Freire (1996, p.163), “[...] não apenas para nos adaptarmos a realidade, mas sobretudo, para transformar, para nela intervir, recriando-a”.

Frente a excepcionalidade do atual contexto fomos impelidos a nos reinventar e desafiados a encontrar novos modelos para situações específicos. Embora o ambiente virtual facilite o acesso à distância e possibilite a comunicação a qualquer momento contribuindo para construção de ambientes ricos de aprendizagem, ainda assim, não é suficiente para superar o ensino presencial e o contato direto com o professor.

Segundo o que nos coloca Vygotsky (1998), a aprendizagem é uma experiência social, em que o desenvolvimento cognitivo do aluno se dá por meio da interação com outros indivíduos e o meio, possibilitando assim, a geração de novas experiências e conhecimentos. Nessa perspectiva, o desafio que é apresentado a partir do ensino remoto de emergência se verifica na necessidade de adequação do currículo escolar a partir de uma visão crítica, onde o docente organize seu trabalho e seus dispositivos didáticos pautados em práticas argumentativas a favor de um ambiente de aprendizagem adequado.

Palavras-chave: Educação; Pandemia; Ensino Remoto.

REFERÊNCIAS



FREIRE, P. 1970. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBERALI, F. C. Transforming urban education in São Paulo: insights into a criticalcollaborative school project. *D.E.L.T.A.*, v. 35 (3), 2019.
<http://dx.doi.org/10.1590/1678-460x2019350302>.

MBEMBE, A. Necropolítica. *Artes e Ensaios*, n. 32, 2016, p. 122-151. Available from:
<https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>

VIGOTSKI, L.S. *Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, [1934] 1998.